



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Pich-Nick e Conde da Floresta Negra :

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 1.º DE NOVEMBRO DE 1867

N. 6.

1.º de Novembro

Completamos hoje o primeiro trimestre do nosso despretencioso jornal.

Sentimos com isso um verdadeiro prazer, prazer duplo, porque os nossos assignantes nem deminuem no numero nem no entusiasmo pelo X.

A todos os amigos e consocios que nos teem prodigalizado os seus votos de animação neste torneio do espirito, manifestamos aqui os mais sinceros agradecimentos.

No momento em que escrevemos estas linhas, o Club X inaugura o seu novo palacio, situado á rua de Gonçalves Dias n. 24.

Ahi se exercita a intelligencia e o corpo nas armas, na gymnastica e nas letras. O corpo robustece-se, a intelligencia aperfeiçoa-se!

Na sala *azul* joga-se o florete ou desenvolvem-se os musculos pelo trapezio: na sala *amarella* lê-se Victor Hugo, Lamartine, Pelletan, e A. Herculano, nas horas sérias da vida, ou Alphonse Karr. V. Sardou, e Cesar Machado nas horas alegres.

O Club X pensa revelar assim claramente o verdadeiro espirito da associação, segundo as exigencias do progresso crescente da civilisação dos nossos dias.

ALLAH! X.

THEATROS.

O leitor pessimista ou optimista, amigo da verdade ou das ficções phantasticas, espirituoso ou serio, romantico ou realista, juiz encomiasta ou critico pungente que conserva centenares de illusões ou só crê na evidencia mathematica,

sabe como se pôde historiar a vida de uma quinzena quando nenhum acontecimento importante lhe quebrou a monotonia.

Se quando menos tivesse a eloquencia de um bom tribuno, faria largas considerações sobre a utilidade dos impostos directos do vinho e cereaes, ou o projecto de uma nova liga, e adquiriria assim o fôro de benemerito da patria sem passar pelas forcas caudinas da censura.

Se me parecesse com algum jornalista da grande imprensa, rabiscaria muito papel embora nada dicesse. E' este o magnifico e commodo sistema com que muitos litteratos de pince-nez escrevem por ahi sobre politica, educação, poesia, bellas artes e *se mais mundo houvera lá chegara*. Mas não pense o leitor que eu tenho algum destes salvaterios.

Em conclusão, pois, direi alguma cousa sobre os theatros, fonte inexgotavel de todo o chronista.

LYRICO.—Fatigado de atravessar os *seculos*, descança das fadigas do seu glorioso passado.

S. PEDRO.—..... sio.....

Não lhe toques..... Magdalena.

GYMNASIO.—Depois de uma fortissima indigestão de Rocambole poz em scena os Palermas.

O que são os Palermas?

E' uma comedia que faz rir: nada mais.

Com tudo, deve fazer-se justiça ao autor, soube perfeitamente dezenhar os typos de muitos pobres de espirito da nossa sociedade; por que d'elles o mundo está cheio.

Alcazar.—A unica novidade neste theatro lyrico-francez, é os repetidos debutes de Mlle. Gandon, *la jeune chanteuse excentrique des concerts de Paris*, como anunciou a direcção.

Gente de máo gosto, procurou fazer crê que

Gandon não é uma cantora dos theatros de Paris. Não sei; não lhe vi os attestados; mas, se não é uma artista *comme il faut*, é travessa e bulicosa como azougue. Que olhos! Que boca! Que nariz! Que pesinho! Que.... Basta. Terminando os meus estudos physiologicos não posso deixar de annunciar a chegada á esta corte do eximio prestigiador Hermann que vem dar novas provas de sua caridade.

VISCONDE DE COCK-TAIL.

ZIG-ZAG.

MAIS UM POETA.—Na republica das letras sentia-se já o profundo vacuo que deixára um poeta de renome, cujos cantos se confundiam as mais das vezes por entre os leques das palmeiras com os cantos do sabiá. Afigurára-se a muita gente que a perda era irreparavel, e que jámais teríamos um herdeiro das glorias poeticas do vate do Bacanga, herdeiro que as fizesse renascer mais esplendidas, máo grado dos detractores dos grandes genios. E, na verdade, era pena ver morrer-se assim um talento tão fecundo, sem que ficasse assignalada a sua passagem na terra! Mas ficou! Alegrem-se, pois, os amigos das letras. Nunca as idéas lançadas no meio de uma literatura se pareceram mais com a semente lançada á terra. Produziram e produziram admiravelmente....

Os sete peccados mortaes, trabalho em verso mais litterario que politico, vieram prova-lo exhuberantemente.

O seu autor, sabemol-o de fonte muito limpa, era discipulo do celebrado vate que se finou. Não seria raro vel-os noites e noites, n'outros tempos, recostados sobre a banca do trabalho, lendo os melhores autores, ou recitando as suas proprias poesias que lhes acabavam de sahir dos bicos da penna. E' ao Sr. B. B. que as letras devem os *Sete peccados mortaes*, publicados anonymamente por um excessivo zelo de modestia mal entendida, pois cabe dize-l-o aqui com toda a franqueza:— o *discipulo* foi além do *mestre*.

Versado em todas as linguas mortas e vivas, abrio o seu *poema* com esta polyglotta e monumental epigraphe:

Si vis venerem versam repartit
Cum quibus—parce que l'homme
And the womein are
Comme les autres.

(SANTO AGOSTINHO, *Livro de Pucellago.*)

Depois intitulou os seus cantos da seguinte maneira; Ministere Fomento, ministere des juifs, ministere de los buques, ministere de re ignoto,

ministere Summes Pontifex, ministere a la bayo nette, ministere fontes, pontes, montes e calçadas.

Rico e prodigo de imagens de uma belleza selvagem, é ainda soberbo na rima.

Cadente e harmonioso sempre, recorda o estrerito da cachoeira despenhando-se ao longo dos escalvados rochedos.

Ao acaso:

*Papagaio de bico amarello é de truz,
Canta modinhas da terra da cruz.
Tratando de illudir os severos de truz
Nunca alcançará e obterá o perdão á cruz.*

Em conceitos então é desta forma:

Zás trás nó cego e pula no poleiro.

A metrificação é boa. Tem, porém, um defeito aos nossos olhos e aos nossos ouvidos, ainda que pouco sensivel. Substitui o *metro* pela *polegada*, tornando assim os versos mais portuguezes de lei e de mais avantajado cumprimento.

O leitor, ao tratar-se de um homem celebre, hade querer saber se o Sr. B. B. é um rapaz da moda, esbelto, desempenado, gracioso, e revelando nos olhos e na fronte o talento que se lhe esconde no craneo!?

— Hade ser um heróe de romance, atalha com impaciencia feminina uma *velhusca* de quarenta annos, por quem me apaixonaria já se elle me não torcesse o nariz!

— Não se adiante, minha senhora, em considerações desta ordem. Os *typos* não tem ninguem o direito de amal-os, porque pertencem ao estudo da sociedade.

E tinha razão!

O Sr. B. B. não pertence mais a si, nem a nenhuma individualidade, pertence sómente á sociedade que tem o dever de estudal-o, e á posteridade que lhe hade elevar uma estatua, collocando-lhe na fronte uma corôa de... louros.

Consta-nos que este mesmo poéta tem entre mãos um outro trabalho que brevemente será publicado.

..... porque delles é o reino do Céo.

NEM NO TUMULO HA DESCANÇO.— Na penultima sessão do jury, apóz as devidas chamadas dos jurados, reconheceu-se que alguns não tinham comparecido, do que foi tomada a devida nota. Por occasião do encerramento da sessão o Sr. presidente multou os jurados que não haviam comparecido. Entre elles figurava um que havia morrido ha um anno seguramente!

Lá se tem de haver com algum *meirinho* á porta da ultima morada, quando menos pense.

A justiça desta vez provou bem que anda com os olhos vendados.

DESASTRE INTERNACIONAL. — Um pobre filho do celeste imperio, esquecendo-se de que tudo quanto se acha fóra da grande muralha chineza, nada tem de celeste, foi victimo de uma inesperada escaldação.

Foi uma vingança tramada entre os camarões, que já ha muito tempo se queixam da guerra cruenta que lhes é feita. Infelizmente não acharam um momento *poetico* para realizarem o seu intento.

Além de envolverem o gerente da companhia Ferry, que acreditamos não ser da familia dos camarões; collocáram sobre a cabeça do desastrado machinista a responsabilidade de uma celeste vida.

O Sr. Grey jura que hade igualmente, em nome e por ordem do embaixador da China nesta Corte, muito breve, vender em leilão as barcas Ferry; allegando ter declarado esse embaixador, que avalia a vida de seu patrício em dez vezes tanto quanto é o valor das quatro barcas.

O céo lhe seja leve.

A SIRIGAITA.

ROMANCE.

I.

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO.

Era no ultimo dia do anno de 1866.

Pela ordem chronologica, já o leitor adivinhou ser o dia 31 de dezembro; notavel pelo calor intenso, com que mimoseou os habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda o sol cadente dardava seus raios horizontaes na estatua equestre do fundador do imperio de Santa Cruz, e já ao longo das alamedas do outr'ora *Largo do Rocio* e hoje *Praça da Constituição*, subiam lentamente em espiral para as alturas do espaço, onde se confundiam com os derradeiros reflexos do astro do dia, nuvens de fumo sopradas pelos frequentadores que affluiam á *praça*, buscando aspirar de envolta com a fumaça do charuto, a brisa refrigerante da tarde.

Depois que o astro do dia se atufára lá ao longe, detras das montanhas do occidente, e que o clarão avermelhado da tarde se dissipára vencido pela noite que lentamente desdobrava o manto escuro além da *Guanabára*, começára, com effeito, a ondulação cadente das tenras frâncias do arvoredo, com o doce resvalar dos primeiros basejos da brisa, semihante á flôr pendente na delicada fronte, agitada pelo adejar do mimoso beija-flôr que vai aurir-lhe o nectar. Após instantes, já não eram só os frequentadores que ali se achavam.

O numero dos concorrentes augmentava consideravelmente; pela maior parte atrahidos sem duvida pelos sons de uma banda de musica que, postada no centro da *praça* executava primorosamente

alguns trechos escolhidos das melhores composições do fertilissimo genio de *Rossini*, das cadentes melodias de *Bellini*, e das caprichosas harmonias de *Donizetti*.

Aqui o *pansudo* proprietario, apoiado no clásico guarda-sol, e sorvendo avantajada pitada, perguntava ao *gorducho* capitalista: Que ha de novo?

Alli, o moço gamenho, torcendo os bigodes e fazendo silvos no ar com a bengalinha de unicorno, assestava a indiscreta luneta para o garboso madamismo, que, de enormes toucados á *Benoiton* e faces apolvilhadas, ia aplanando a superficie do *passeio* com os longos vestidos.

Acolá, passeava, toda cheia de requebros e *mideixes*, a pretenciosa mulatinha, de eriçada cabelleira, onde brilhavam *pérolas* de banha cheirosa, com os reflexos da luz do gaz.

Na extremidade da *praça*, do lado do *Club Fluminense*, proximo á estatua da *Justiça*, um grupo discutia calorosamente.

Quem olhasse a certa distancia, pelo trajar simples e decente dos personagens, facilmente diria: são moços do commercio.

E não se enganava.

No Rio de Janeiro, é o commercio o sustentaculo de todas as emprezas, de todos os divertimentos, de todas as distracções.

Onde não entra o commercio, tudo definha, tudo morre.

E' por isso que, em quasi todas as reuniões, o maior numero pertence á classe commercial.

Porém, quem se approximasse a ponto de ouvir a conversação animada d'aqueles personagens, ficaria por certo surprehendido ao ver tanta nobreza encarnada na juventude, e tantos titulos honorificos representados por tentos bigodes, titulos que na realidade, não assentam bem senão nas barbas brancas, frontes calvas e dorsos alquebrados pelo decorrer dos annos.

Um moço de estatura bem proporcionada, cuja physionomia representava vinte e cinco annos de idade, fronte espacosa, olhos azues, bigode e cabellos pretos, fallava com entusiasmo a seus companheiros que freneticamente applaudiam.

Alfredo de Arnozelo era seu nome.

Alfredo era um moço elegante.

A particularidade dos olhos azues e cabellos pretos, e suas maneiras attenciosas, affaveis e delicadas, attrahiam-lhe a sympathy das pessoas com quem conversasse, e que tacitamente lhe será tambem dedicada pelas amaveis leitoras.

Trajava calça branca que, pelo alinhamento com que cahia sobre a botina envernizada, demonstrava o esmero e perfeição da engomadeira, collete da mesma cõr, abotoado quasi até o pescoco, onde scintillava um alfinete de brilhantes n'uma gravatinha preta, e *paletot* de panno azul escuro; e o chapéo alto, bastante cahido para traz, indicava o entusiasmo com que Alfredo discutia.

Alfredo era guarda-livros e caixa de uma casa commercial. Por sua intelligencia e honestidade captara a estima e plena confiança de seu patrão. Era pontual, activo e caprichoso no desempenho de seus deveres. No commercio, era um perfeito comerciante; na folia, um perfeito folião.

Alfredo estava, pois, no seu elemento de recreio.

A reunião ia augmentando com a chegada de novos personagens que, como os outros, davam a Alfredo o título de *Marquez de...* sempre que se tratasse de negócios da sociedade CLUB X, a que todos pertenciam.

O traje mais burlesco e as maneiras mais extravagantes para agradar a MOMO, era o pensamento dominante dos cerebros entusiastas daquella pleiade juvenil: era justamente do que se tratava.

— Senhores! dizia Alfredo, o carnaval está proximo, cumpre não descuidar.

— Apoiado! exclamavam seus companheiros.

— Rapaziada! prosseguia Alfredo, não devemos contentar-nos com um simples sorriso de aprovação, mastigado nas descarnadas mandíbulas, e coado pelos grossos lábios do DEUS DA FOLIA: queremos também um estrepitoso brado de aplauso nascido bem no íntimo do profundo peito do mesmo DEUS, cujos ecos transpondão montes e vales, vão anunciar *Urbe et Orbi* o triumpho alcançado pelo CLUB X no *certamen da folia!!!*

— Apoiado! bravo! muito bem, muito bem!! exclamaram, voz unisona, os companheiros de Alfredo.

— Tu és o nosso herói, *Marquez de...*! disse um dos circunstântes a quem davam o título de *Conde de...* — E' isso justamente o que todos nós desejamos. Mas também é mister que saibas *Marquez de...*, replicou um *Cavalleiro*, que da nossa parte não tem havido descuido. — Aqui está o figurino que me servirá de modelo para a *folia*. A vossa opinião a respeito, senhores?

— E' de muito efeito, responderam uns.

— Está magnífico, responderam outros.

— Aqui está o meu! disse o *Cardenal R...*

— Oh! este é chistoso pela exquisitice! é irrisório! bradaram todos rindo.

— Vejam também o meu! disse um terceiro.

Esta phrase foi repetida por diversos, acompanhada pelo desenrolar dos figurinos.

Depois de alguns trocadilhos e epigrammas que provocaram algumas risadas, tudo na maior harmonia, disse Alfredo:

— Meus amigos: são horas de dar a palestra por terminada.

Amanhã entrará em discussão o programma dos festejos do CLUB X ao *Deus da Folia*, nos três dias de carnaval.

As sete horas da tarde em ponto, no CLUB X. Que nenhum falte!

— Até amanhã, repetiram todos, apertando-se as mãos; e cada um seguiu seu destino.

Dez horas acabavam de soar do alto da torre de S. Francisco de Paula.

(Continúa.)

DUQUE DE COVADONGA.

POESIA.

Club X.

Quando vejo moça bella
De luneta no nariz,
Digo logo:—quer marido...
Entre para o Club X.

Quando descubro um janota
Com botinas de verniz,
Digo logo:—está cahido...
Entre para o Club X.

Moça casada com velho,
Que sua sorte maldiz,
Quando quizer distrahir-se,
Entre para o Club X.

Velha tonta, com fortuna,
Que se acredita infeliz,
Tem excellente remedio...
Entre para o Club X.

Viudo que diz a todos
— Não mais posso ser feliz:
Quer esquecer a consorte?
Entre para o Club X.

Medico que notícia
Ter chegado de Paris:
Fez então boa viagem?!

Entre para o Club X.

Candidato a deputado
Que quer salvar o paiz,
Vá discorrer para o inferno,
Entre para o Club X.

Relojoeiro com carro

E libré por chamariz,

Não apanha lá meus cobres,

Entre para o Club X.

Boticario que mistura
Drogas em almofariz,
Vendendo gato por lebre:
Entre para o Club X.

Homœopata que só cura
Com agua do chafariz,
Ora vá plantar batatas,
Entre para o Club X.

Empreziario de theatro
Que dá entradas a giz,
Se quizer ser applaudido
Entre para o Club X.

Jogador que no bilhar
Sempre perde por um triz,
E' nervoso coitadinho,
Entre para o Club X.

Velho que vai ao theatro
Só por causa de uma actriz,
E' ratão de muito gosto:
Entre para o Club X.

Donzella namoradeira,
Que nos ensina a matriz
Logo na segunda' carta:
Entre para o Club X.

Mocinha que na janella
Usa ao peito *flor de liz*,
Quer casar, faz muito bem:
Entre para o Club X.

Vou terminar a tarefa,
Não me pessam, porém, bis...
Tenho a musa mui cançada,
Sem ganhar uma de X.

MARECHAL PICA-PAU.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.